



REVISTA CAPIM DOURADO

Diálogos em Extensão

ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Maio-Ago., 2024

DOI: <http://doi.org/10.20873/EXTFLOR>

“ESPELHO, ESPELHO MEU”: UMA EXPERIÊNCIA EXTENSIONISTA NO DOUTORADO FLORESCEU

“MIRROR, MIRROR ON THE WALL”: AN EXTENSION PRACTICE WITH SELF
PORTRAITS

“ESPEJO, ESPEJITO DE LA PARED”: UNA EXPERIENCIA EXTENSIONISTA CON
AUTORETRATOS

Marcos Felipe Gonçalves Maia¹
Maria Eulina Pessoa de Carvalho²

Recebido 01/06/2024	Aprovado 06/08/2024	Publicado 30/08/2024
------------------------	------------------------	-------------------------

RESUMO: Este estudo analisou autorretratos de professoras/es participantes de um projeto de extensão desenvolvido por um Programa de Pós-Graduação em Educação no Nordeste do Brasil, explorando suas visões de masculino, feminino e não-binário. São apresentados 12 autorretratos docentes (desenhos). A análise combinou técnicas de leitura de imagens e análise de conteúdo, destacando elementos denotativos e simbólicos. Os denotativos informam dados sócio-culturais das/os participantes e os elementos imagéticos dos desenhos; já os elementos simbólicos apresentaram as relações entre natureza e cultura (*naturocultura*), a presença-ausência do corpo, as palavras que povoam e extrapolam a imagem, bem como a relação com a afetividade e o coração. O texto ressalta a importância da utilização de diversas linguagens para tratamento de questões problemáticas tanto nas escolas, quanto na formação docente.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero. Educação. Formação docente.

ABSTRACT: This study analyzed self-portraits created by teachers who

¹ Doutor em Educação (UFPB). Bacharel em Biblioteconomia (UnB). Licenciado em Biologia (UFT). Professor de Ensino de Ciências e Biologia na Licenciatura em Pedagogia (UFT), Palmas, Tocantins. Universidade Federal do Tocantins, Quadra 109 norte, Avenida NS 15, Campus Universitário de Palmas, CEP 77001090. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8118-6211>. E-mail: marcosmaia@uft.edu.br.

² Doutora em Educational Policy, Curriculum and Teaching (MSU). Professora Titular do curso de Pedagogia e do Programa de Pós-graduação em Educação (UFPB), João Pessoa, Paraíba. Bolsista de Produtividade do CNPq. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2947-5814>. E-mail: mepcarv@gmail.com.



ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Maio-Ago., 2024

participated of an extension project developed by a Graduate Program in Education in northeastern Brazil, exploring their perspectives on masculinity, femininity, and non-binary identities. Twelve teacher self-portraits (drawings) are presented. The analysis combined image reading techniques with content analysis, highlighting both denotative and symbolic elements. The denotative elements provide information about the individuals who created the drawings and the visual aspects of the drawings themselves. In contrast, the symbolic elements reveal relationships between nature and culture (*natureculture*), the presence-absence of the body, the words that populate and transcend the image, as well as the connection to affectivity and the heart. The paper emphasizes the importance of using diverse languages to address problematic issues both in schools and in teacher education.

KEYWORDS: Gender. Education. Teacher training.

RESUMEN: Este estudio analizó autoretratos de profesoras y profesores participantes de un proyecto de extensión desarrollado por un Programa de Posgrado en Educación en el noreste de Brasil, explorando sus visiones sobre lo masculino, lo femenino y lo no binario. Se presentan doce autorretratos docentes (dibujos). El análisis combinó técnicas de lectura de imágenes con análisis de contenido, destacando elementos denotativos y simbólicos. Los elementos denotativos informan sobre las personas que realizaron los dibujos y los aspectos visuales de los mismos. En cambio, los elementos simbólicos revelan las relaciones entre naturaleza y cultura (*natureculture*), la presencia-ausencia del cuerpo, las palabras que pueblan y trascienden la imagen, así como la conexión con la afectividad y el corazón. El texto subraya la importancia de utilizar diversas formas de lenguaje para abordar cuestiones problemáticas tanto en las escuelas como en la formación docente.

PALABRAS CLAVE: Género. Educación. Formación del profesorado.

INTRODUÇÃO

Com a finalidade de estimular as relações entre os cursos de pós-graduação em Educação no Brasil e os cotidianos do fazer e do pensar dos espaços escolares e não escolares, a Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED) promoveu a “Campanha Ação Educação Democrática”. Seus objetivos visaram criar e reforçar o debate sobre a escola republicana no contexto dos desafios democráticos contemporâneos em nosso país (Martins; Mesquita, 2020).



ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Maio-Ago., 2024

Nesse cenário, o Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) criou o Projeto de Extensão “Sala de Aula Itinerante”. O projeto se aproximava de escolas e outros espaços não escolares da cidade de João Pessoa por meio de oficinas e rodas de conversa para construir planos de atividades a partir das demandas das próprias comunidades. As temáticas demandadas foram das mais diversas: protagonismo juvenil, cidadania e violência, inclusão, alfabetização, direitos humanos, mudanças sociais e novas metodologias pedagógicas.

Este artigo relata uma pequena parcela de atividades desenvolvidas no âmbito dos desafios de se trabalhar com as questões de Direitos Humanos, especialmente as que se relacionam com as temáticas de gênero e violências de gênero, tais como feminicídio, sexismo e homolesbotransfobia.

Foi construída uma proposta de formação continuada para professoras/es da rede estadual. Essa formação se deu durante o ano acadêmico de 2019. Foram oficinas com música, poesia, leituras de imagens de audiovisual, e desenho do autorretrato docente. Escolhemos essa diversidade de metodologias dada a complexidade de se problematizar e sensocomunizar os conceitos científicos e pedagógicos do gênero (Carvalho, 2010).

Neste artigo, então, apresentamos como aconteceram essas oficinas e, especialmente, lançamos nosso olhar para apenas um dos produtos daquelas oficinas: os desenhos de autorretrato docente. O objetivo é tentar compreender os elementos que se manifestam nos desenhos da oficina “Espelho, espelho meu”.

REFERENCIAL TEÓRICO

“Espelho, espelho meu” é uma fala de uma personagem do conto “Branca de neve e os sete anões”, catalogada pelos irmãos Grimm. Nesse texto literário é possível perceber a dualidade entre o bem e o mal, a bruxa e a boa moça. Enquanto



ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Maio-Ago., 2024

a bela donzela em nenhum momento se preocupa com sua beleza, a personagem tida como malvada está o tempo inteiro se perguntando se existe alguém mais bela do que ela.

Tomamos emprestada essa metáfora para problematizar os elementos que constituem a subjetividade humana. Não vamos destacar todos. Aqui nos interessa apenas a categoria de gênero como constituinte das identidades humanas. E como numa encenação poética, entendemos que essa categoria, seja como conceito teórico, ou vivência de construção de identidades, aqui foi provocada como forma de catarse de emoções por meio da arte poética (Aristóteles, 1987).

Para a historiadora norte-americana Joan Scott (1995, 2010), a primeira forma de organização das sociedades humanas se dá pelas diferenças corporais “percebidas”. Com isso e a partir disso, homens e mulheres são construídos, enquanto tais. Assim, gênero está atrelado à concepção de corpo (Le Breton, 2017) e, enquanto não se percebem outras diferenças, as relações de poder se dão na base da materialidade dos corpos. Através do tempo e espaço, essas diferenças foram, com variações e constância, se cristalizando e hoje gênero é um conceito de análise histórica das sociedades humanas.

Mesmo quando ainda não se utilizava o conceito teórico de gênero, é possível pensar a relação das mulheres com a terra e a reprodução das relações sociais ainda nas sociedades nômades, quando os homens não percebiam sua participação no processo “físico/biológico” de reprodução da espécie humana. Mudam as relações de poder quando a reprodução é percebida como comandada pelos homens, e a mulher perde sua “deidade” de vínculo com a “natureza” (Eliade, 2008). Resquícios desse fenômeno colocam ainda hoje as mulheres no espaço denominado de ciclo natural, da emoção, enquanto os homens seriam da razão e do controle.

Em outra perspectiva, para Pierre Bourdieu (2002), o gênero, nesse mesmo



ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Maio-Ago., 2024

construto histórico, se torna *habitus*, isto é, algo encarnado que reproduz visões e divisões binárias de mundo. Gênero, assim, é um sistema socialmente constituído de disposições cognitivas e somáticas (ou seja, mente e corpo, modo de ser, estado habitual, especialmente do corpo), sujeito à inércia, que é resistência física à modificação de seu estado de movimento.

Dada essa complexidade, gênero é um conceito teórico, como vimos com Scott e Bourdieu, que se torna difícil de se compreender (Carvalho, 2010). Embora destaquemos essa lente teórica, enquanto conceito científico, as pessoas produzem suas próprias representações do que é ser homem ou mulher, ou sua total aporia, uma vez que as identidades de gênero perpassam experiências ora de fixação, ora de instabilidade. Hoje se vive uma luta em torno dessas identidades e de visões contraditórias de mundo. Por isso, a dificuldade de se trabalhar o tema nas escolas e também na formação docente. Ainda com Carvalho (2006), para que essa temática seja trabalhada é importante uma diversidade de metodologias para abarcar todos os elementos sociais e culturais das representações de cada pessoa tanto no nível individual, quanto cultural e histórico.

Neste contexto, temos percebido o surgimento de políticas sexuais e antigênero do pânico moral (Corrêa; Parker, 2011). Movimentos políticos diversos têm se apropriado da pauta pública do gênero para impor suas visões de mundo e angariar votos. Articulam concepções diversas e contraditórias sobre o que seria o gênero (masculino/feminino/não binário/etc) para gerar medo e comoção e, assim, emplacar agendas de políticas públicas excludentes. Tudo isso, numa pretensa base de que existiriam elementos ditos “naturais” do sexo e do gênero (Maia, 2023).

Aqui diferenciamos os elementos de sexo e gênero. Enquanto aquele está mais atrelado aos processos de divisão e reprodução celular, o gênero segue o caminho mais complexo, que extrapola a base material e se constitui ao longo do tempo. Não que um surja do outro, mas ambos estão em íntima relação mediados



ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Maio-Ago., 2024

pela natureza e pela cultura, não em dualidades e binarismos, mas em complementaridades e totalidades.

É aí que advogamos pelo conceito de naturocultura de Donna Haraway (2004, 2011). Para esta bióloga norte-americana, as ciências biológicas foram contrabandeadas por movimentos políticos para subsidiar forças e votos. Todavia, seu conceito de naturocultura quebra o secular movimento de dualidades de masculino/feminino, superior/inferior, e outras dualidades segregacionistas. Na natureza, não há separação entre seres humanos, algas e plantas. Todos, de uma certa maneira, e em determinadas proporções, possuem traços comuns, em maior ou menor complexidade. E o gênero também participa dessa simbiose que se dá há milênios na constituição dos seres vivos. As distinções partem da impossibilidade humana de compreensão do todo fenomênico, o que mais uma vez leva à dificuldade em se trabalhar gênero tanto nas escolas, quanto nas formações docentes.

Por isso, em nossas práticas de pesquisa-extensionistas temos trabalho com diversas linguagens para promover a reflexão. O que vai sair daí, não se sabe, mas pelo menos tentamos diversas formas de compreender a humanidade e suas múltiplas formas de ser e estar no mundo; e, acima de tudo, buscando promover a reflexão e a troca de saberes entre universidades e comunidades.

Nossa compreensão de extensão é justamente esta: a conversidade, uma forma de compreensão da educação como popular, não para o povo, mas com o povo. É um conceito que transforma a ideia de “universidade”, enquanto única forma de saber, para se estar com, ou seja, na troca, na alteridade (Fleuri, 2005). Embora este conceito surja da crítica da educação popular aos processos de encontros entre movimentos sociais e a produção de conhecimento, aqui ele nos ajuda a pensar a forma dialógica de compreender as diversas formas de saberes que se encontram no diálogo, e não na imposição, na prescrição ou no apagamento de outras formas



ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Maio-Ago., 2024

possíveis de se viver.

É nessa conversidade que compreendemos a prática extensionista. Enquanto intercâmbio entre universidade e comunidade, ela é formação tanto do corpo técnico, docente e discente, como do corpo “comunitário”. É intervenção social e formação crítica que promove tanto a formação de quem está dentro da universidade, quanto de quem está “fora”, sendo que esse “fora” pode se apropriar da produção de conhecimento científico e tecnológico (Naves, 2015; Paula, 2013).

Com isso, escolhemos trabalhar com “ativismo”. Não como uma forma de simples preenchimento de tempo vago, ou de fruição da *Arte*, mas de provocação por meio da arte: tanto recepcionando artes, como produzindo intervenções, tais como os desenhos apresentados neste texto. O ativismo, para Tanya Saunders (2015, 2021), compreende a arte não como simples fruição no movimento social, mas como ferramenta, atuação política da arte como forma interventiva de mobilização e de reelaborações da sociedade.

Utilizar processos criativos em arte, dessa maneira, pode ajudar a trabalhar representações sociais de crianças (Ribeiro; Cruz, 2013), porém, pouco se fala sobre o desenho de adultos. Advogamos que com adultos também é muito importante, pelo fato de que a arte do desenho é um momento de reflexão. Justamente porque estamos interessadas não na materialidade da arte, esses desenhos não são apenas resultados. O que nos interessa mais é o processo criativo que acontece no processo do desenhar, a partir de uma provocação: “problemas de gênero”. É nessa evocação e catalisação de coisas que se processam por meio do desenhar e da arte, que o ato individual se coloca no ato coletivo do simbólico (Becker et al., 2006).

Pesquisa de Schweig, Sena e Righi (2020) apresenta um encontro do Ateliê onde alunas da licenciatura em Sociologia experimentam um dispositivo pedagógico a ser desenvolvido futuramente para uma aula na escola. Cada graduanda recebe



ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Maio-Ago., 2024

uma folha em branco e desenha o tema a ser estudado de dois textos lidos anteriormente sobre o que é ciência. Feitos os desenhos, cada um é entregue para outra pessoa que elabora perguntas sobre o desenho e a partir dessas perguntas se faz um novo desenho, ou redesenho.

Essa “prática jogo” foi então disseminada em escolas do ensino médio por alunas de graduação. A cada repetição, diversas formas, perguntas e desenhos se operacionalizavam. De acordo com as autoras, essa diversidade é capaz de tensionar a realidade de múltiplas formas. E concluem:

Portanto, ao se voltar a educação da atenção ao plano das forças e potências, não pretendemos que o dispositivo seja tomado como uma fórmula, um modelo a ser “aplicado”, com resultados que contemplem um único objetivo pré-definido. Ao contrário, o convite é manipulá-lo sempre que possível para repeti-lo até se diferenciar – atento e aberto a novas experimentações” (Schweig; Sena, Righi, 2020, p. 13).

Talvez, como nos ensina o pequeno príncipe de Antoine de Saint-Exupéry, precisamos aprender é com as crianças, porque estas já estão “cansadas de todas as vezes ensinar aos adultos” que um desenho é muito mais do que se vê!

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para subsidiar uma tese de doutoramento em Educação, foi cadastrado um projeto de pesquisa dentro do projeto de extensão “Sala de aula itinerante” do PPGE da UFPB. Aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa na Plataforma Brasil sob o parecer número 3.624.026/2019 e o protocolo CAAE 20021219.7.0000.5188, o projeto de pesquisa foi denominado “Política Sexual e Antigênero do Pânico Moral”.

No desenvolvimento do projeto, foram conduzidas diversas oficinas de formação docente continuada com a Secretaria de Estado de Educação, Ciência e Tecnologia (SEECT) da Paraíba. Antes, uma experiência piloto foi conduzida com alunas da turma de doutorado em Educação do ano de 2019, para fins de ajustes tanto do questionário quanto dos processos de condução das oficinas. E depois do



ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Maio-Ago., 2024

Projeto de Extensão “Sala de Aula Itinerante” foram conduzidas diversas oficinas em cursos de graduação na formação inicial, com alunos e alunas de mestrado e doutorado, e também com professoras/es, em outros momentos, inclusive com uma turma de professoras de uma escola da cidade de Baltimore, nos Estados Unidos da América, durante o período de doutorado sanduíche de uma das autoras deste texto, no ano de 2022. Ou seja, ao todo nossa experiência extensionista durou 3 anos.

Participaram das formações com a SEECT/PB em 2019: 12 escolas, com 15 mulheres e 3 homens: professoras e professores gestores há mais de 5 anos. Esse número de participantes variava em cada reunião. A oficina “Espelho, espelho meu” aconteceu em um dia apenas. Para este artigo, relatamos apenas esse dia, que foi a primeira formação efetiva com professoras/es do projeto de extensão.

A oficina aqui relatada aconteceu no Centro de Formação da SEECT em João Pessoa, com 12 professoras/es. A atividade se iniciou com um momento de relaxamento, respiração e exercícios de atenção plena (*mindfulness*). Para Tobin (2013), a técnica de atenção plena auxilia nos processos de aprendizagem significativa e reflexiva. Após esse momento, fizemos um acordo sobre o horário de duração da atividade para que todas as pessoas ficassem até o final. Foi, então apresentado o termo de consentimento livre e esclarecido, que todas assinaram.

Logo partimos para o questionário sócio-cultural e, em seguida, foram trabalhadas algumas figuras para a reflexão-provocação inicial. O objetivo da figura 1 é refletir sobre como nosso olhar é enviesado e sempre depende da relação figura/fundo, isto é, do texto e de seu contexto. Já a figura 2 vem de uma provocação da antropóloga brasileira, e agora imortal da Academia Brasileira de Letras, Lilia Schwarcz, que nos provoca a refletir sobre o lugar de homens e mulheres nas sociedades ao longo do tempo. Em nossa sociedade, as posições foram marcadas pela dualidade razão/emoção, superioridade/subalternidade, em contextos de controle e violências.



Figura 1: imagens de *gestalt* figura-fundo. Ao olhar para uma imagem ela apresenta outra numa relação de primeiro e segundo plano inter-relacionados. Crédito: Brandão (2019).



Figura 2: gravura inspirada na obra de Jan Van der Straet do ano de 1575. A imagem representa a “descoberta” da América por Américo Vespuccio vendo-se o homem, a ciência, o poder, e a mulher, desnuda, simbolizando a natureza, a América. Crédito: Schwarcz (2019).



ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Maio-Ago., 2024

Após o acolhimento, mediação e discussão sobre essas figuras, a turma foi dividida em três pequenos grupos com quatro integrantes cada. Todos os três grupos tinham que produzir dois documentos: 1) um relato do que entendem por “problemas de gênero” na escola e 2) um autorretrato. O primeiro documento deveria ser um vídeo de no máximo um minuto. O desenho deveria ser feito em uma folha A4 emoldurada com o nome “espelho, espelho meu”.

As gravações em audiovisual foram ricas e destacaram diversas questões sobre as “problemáticas de gênero” nas escolas. Nestes vídeos foram apresentados três temas: transfobia, invisibilidade de pessoas gays e lésbicas nas escolas, e a dualidade sexo/gênero em termos de natureza/cultura. Após a produção e exibição dos vídeos, seguiu-se um curto debate. Com isso, fomos para a última atividade do dia: o autorretrato docente.

Cada pessoa individualmente foi convidada a se olhar no espelho. Este era uma folha A4 onde deveriam ser desenhados elementos que as pessoas percebem em suas vivências do ser homem e do ser mulher. Esses autorretratos são apresentados a seguir.

Analisamos essas imagens com auxílio de metodologias de análise de imagens. Pensar nas imagens como fontes para pesquisa é entender que o acesso que uma sociedade tem ao mundo imagético determina seus modos de pensar sua própria organização (Samain, 1995). Desta forma, nos propomos a utilizar a análise imagética compreendendo as potencialidades que elas ofertam para apreciação da nossa sociedade contemporânea, considerando também que as imagens e a tecnologia são uma contribuição, não um fim (Loizos, 2008), atentando para suas vantagens e limitações.

As análises das imagens/desenhos passaram por dois estágios de leitura: estágio denotativo e estágio simbólico. O estágio denotativo é aquele em que se expressa tudo o que é visto diretamente na foto/imagem, enquanto o estágio



ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Maio-Ago., 2024

simbólico é aquele em que há interpretação do que se vê, tornando “explícitos os conhecimentos culturais necessários para a compreensão da imagem” (Penn, 2008, p. 325). Portanto, não se trata de uma simples busca da relação signo/significante como uma possível leitura mágica do que se quis dizer, mas de compreender o que se expressa a partir de uma leitura cultural, ou do que precisa ser acionado para compreensão da mensagem (Barthes, 1986).

A seguir, apresentamos as imagens agrupadas em três blocos. Esse agrupamento não tem outra função senão de juntar as imagens para melhor visualização. Depois apresentamos um quadro com três colunas. Na primeira coluna temos a identificação das imagens em numerais; na segunda há informações advindas dos questionários; e na terceira a descrição sucinta do desenho em si. Nestas três colunas, apresentamos a descrição denotativa (Penn, 2008). A terceira coluna é importante também para inclusão de pessoas cegas, para que possam “ver” as imagens.

Ainda no estágio denotativo, foi conduzida a contagem de ocorrências dos elementos nos desenhos. Com inspiração na análise de conteúdo (Bardin, 2004), foram contados todos os elementos que aparecem nos desenhos: frases, rostos, corpos, pássaros, plantas. Foram identificados e contados cada um dos elementos desenhados. Como cada desenho apresentou pelo menos dois elementos, a contagem final ultrapassa o número de desenhos. Ou seja, há desenho com apenas dois elementos (cabeça e corpo), enquanto outros possuem mais de seis elementos, por exemplo.

O estágio posterior ao denotativo, denominado de simbólico por Penn (2008), é apresentado após essa parte mais descritiva. No estágio simbólico, o objetivo é tentar compreender as relações entre os objetos desenhados e seu contexto cultural e teórico-epistemológico. Ou seja, a pergunta neste estágio simbólico é juntamente esta: que elementos culturais precisam ser acionados para entender as relações ali



ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Maio-Ago., 2024

postas?

ESTÁGIO DENOTATIVO DE LEITURA DOS AUTORRETRATOS

A técnica de leitura denotativa de imagens de Gemma Penn (2008) foca na análise direta e detalhada dos elementos visíveis em uma imagem. Ela começa com a identificação objetiva de objetos, pessoas, cores e formas sem atribuir interpretações simbólicas imediatas. Essa abordagem é crucial em campos como análise de arte e estudos visuais, onde a observação meticulosa dos componentes visuais é essencial para compreender o significado inicial da imagem. Além de identificar os elementos visuais, a técnica considera a disposição espacial e a composição geral da imagem, explorando como esses fatores contribuem para sua interpretação. Ao evitar conclusões precipitadas, essa metodologia permite uma análise mais fundamentada e objetiva das obras visuais, promovendo uma compreensão mais rica das expressões visuais e sua importância em diversos contextos culturais e artísticos.



REVISTA CAPIM DOURADO

Diálogos em Extensão

ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Maio-Ago., 2024



Imagem 1: Apanhado de desenhos ilustrando a diversidade de maneiras de autorrepresentação. Crédito: das autoras.



REVISTA CAPIM DOURADO

Diálogos em Extensão

ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Maio-Ago., 2024



Imagem 2: Apanhado de desenhos ilustrando a diversidade de maneiras de autorrepresentação. Crédito: das autoras.



REVISTA CAPIM DOURADO

Diálogos em Extensão

ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Maio-Ago., 2024

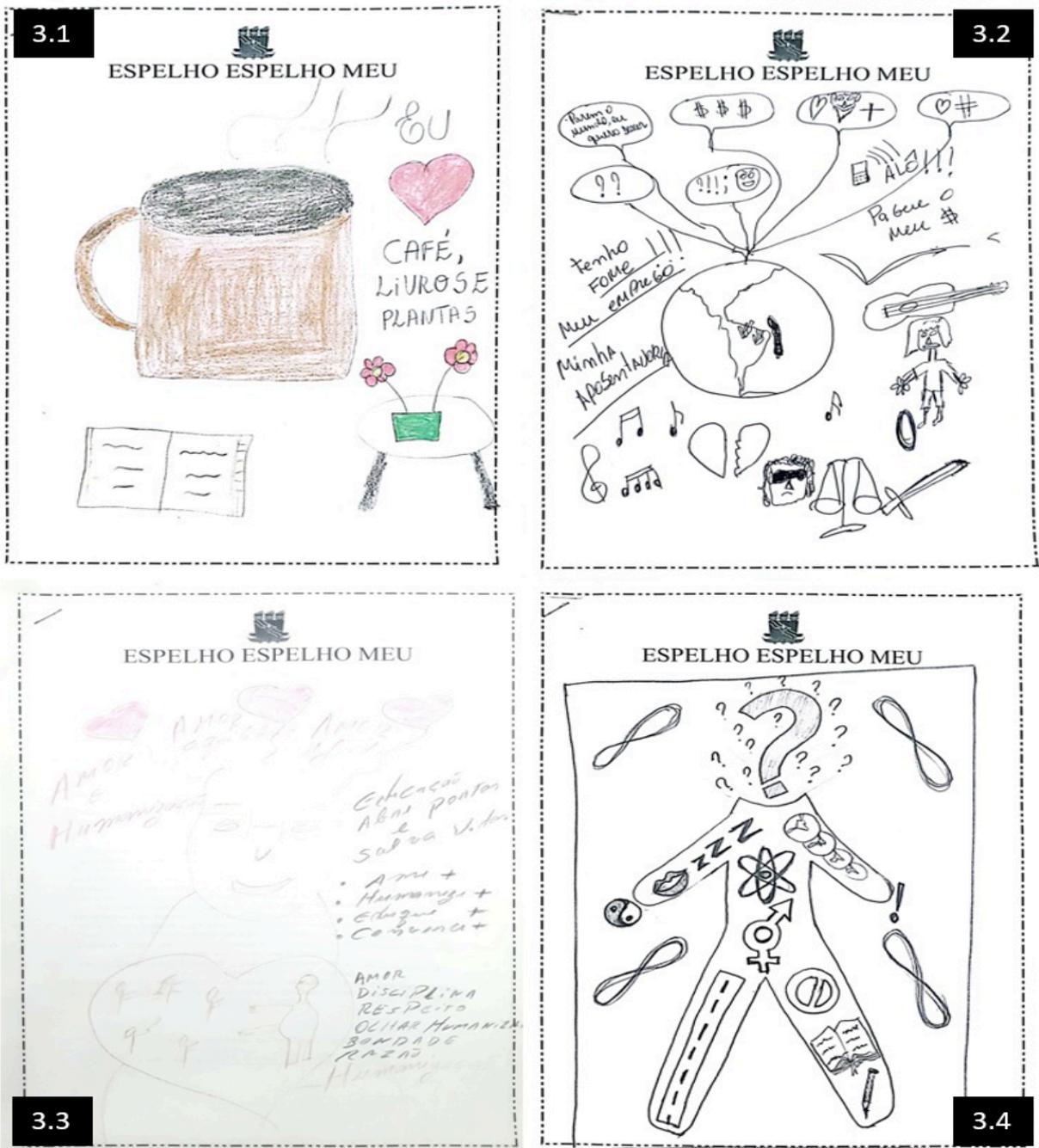
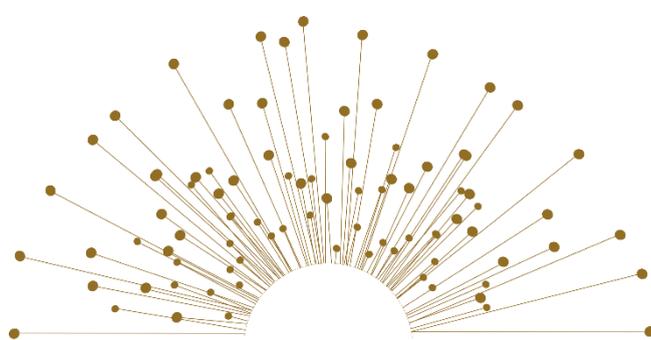


Imagem 3: Apanhado de desenhos ilustrando a diversidade de maneiras de autorrepresentação. Crédito: das autoras.



REVISTA CAPIM DOURADO

Diálogos em Extensão

ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Maio-Ago., 2024

IMAGEM 1		
ID #	Informações das participantes	Elementos destacados dos desenhos
1.1	Feminina (pedagoga, casada, nasceu em 1963).	Moldura do espelho, plano de fundo vermelho, traços do rosto e três símbolos acima do rosto: sol laranja, estrela azul e coração vermelho.
1.2	Feminina (mulher negra, pedagoga, nasceu em 1968).	Pessoa em formato palito com saia e longos cabelos. Sol. Nuvens azuis. Dois pequenos corações vermelhos não preenchidos e seis pequenos corações sobre a cabeça. Escritos: “eu não gosto de olhar no espelho desde pequena... na verdade eu queria tomar aquele banho e me deitar porque estou morrendo de dor de cabeça...”
1.3	Feminina (professora de língua portuguesa, solteira, nascida em 1996).	Moldura de espelho. Dentro da moldura sinais de igualdade e soma. Borrão vermelho e círculo circunscrito com elipses.
1.4	Mulher (não preencheu o questionário).	Moldura de espelho azul. Mulher ao centro com busto, braços e cabeça. Cabelo loiro.
IMAGEM 2		
ID #	Informações das participantes	Elementos destacados dos desenhos
2.1	Masculino/macho (professor de geografia, nasceu em 1956).	Sete árvores da metade da folha para cima e fogo abaixo. Duas pessoas palitos. Uma casa na margem de um rio.
2.2	Homem (professor de biologia, não preencheu questionário).	Homem com camiseta listrada. Praia ao fundo com coqueiro e pássaros voando. Sol destacado.
2.3	Homem (professor de biologia, pardo, nasceu em 1976).	Um corpo todo contornado de azul, pintado de amarelo. Descem do céu muitos pássaros, que contornam a margem esquerda, com flores e grama. Abaixo uma assinatura.
2.4	Homem (professor de filosofia, pardo, nasceu em 1964).	Um corpo ocupando quase toda a folha com contornos azuis. Abaixo grama azul, acima sol azul.
IMAGEM 3		
ID #	Informações das participantes	Elementos destacados dos desenhos
3.1	Masculino (professor letras, homem, solteiro, gay, nascido em 1993).	Grande caneca laranja. Livro. Coração vermelho, mesa com flores. Palavras: Eu (desenho de coração indicando amo) café, livros e plantas.
3.2	Masculino/macho (professor de filosofia,	Planeta Terra ao centro. Linhas saem do planeta e levam a balões cada um com o seguinte tema: “parem o

	indígena, nasceu em 1976).	mundo, quero descer”, dinheiro, coração, animal, cruz, coração, sinal jogo da velha. Ao lado do planeta mais frases: tenho fome, meu emprego, minha aposentadoria, pague meu salário... Abaixo do planeta: símbolos de música, coração partido, símbolo da justiça. Um corpo por inteiro com traços quadrados e um instrumento musical acima da cabeça.
3.3	Masculino (homem bissexual, professor de geografia e pedagogo, nasceu em 1977).	Corpos: um grande corpo ao fundo e acima dele um coração. Dentro do coração o corpo aparece de lado, marcando o corpo gordo com braços abertos para 5 crianças à sua frente. 3 corações acima da cabeça, pintados de vermelho. Para cada um, as palavras: amor e humanização, amor e equilíbrio e amor e ajuda. Frases: Educação abre portas e salva vidas; ame mais, humanize mais, eduque mais, convença mais. Amor, disciplina, respeito, olhar humanizado, bondade, razão.
3.4	Masculino (professor de geografia, casado, homem gay, nascido em 1988).	Corpo com delineamento, sem cabeça. No lugar da cabeça uma grande interrogação. Quatro desenhos do infinito. Cada parte do corpo com elementos múltiplos: braços (boca, letra z, e mapa mundi), pernas (rodovia, sinal de proibido estacionar, livro/caderno e lápis), genitália (símbolo mitológico do espelho de Vênus com escudo e arpão de Hércules).

Quadro 1: informações sócio-culturais das/os participantes e descrição das imagens. Crédito: das autoras.

Após esta descrição, fizemos a contagem de ocorrência de elementos. É possível perceber no gráfico 1 a distribuição dessa frequência de ocorrências. Corpo foi o elemento que mais apareceu, ao todo oito desenhos; seguido de objetos diversos (livros, xícaras etc), com sete desenhos; e também em sete desenhos o rosto esteve presente. Se somarmos os elementos que poderíamos chamar de “natureza”, esta categoria está presente em quase todos os desenhos. Desde estrelas, sol, plantas, nuvem, água, pássaros, a natureza esteve representada ao todo em oito desenhos, sendo dezesseis ocorrências distribuídas nesses oito desenhos.

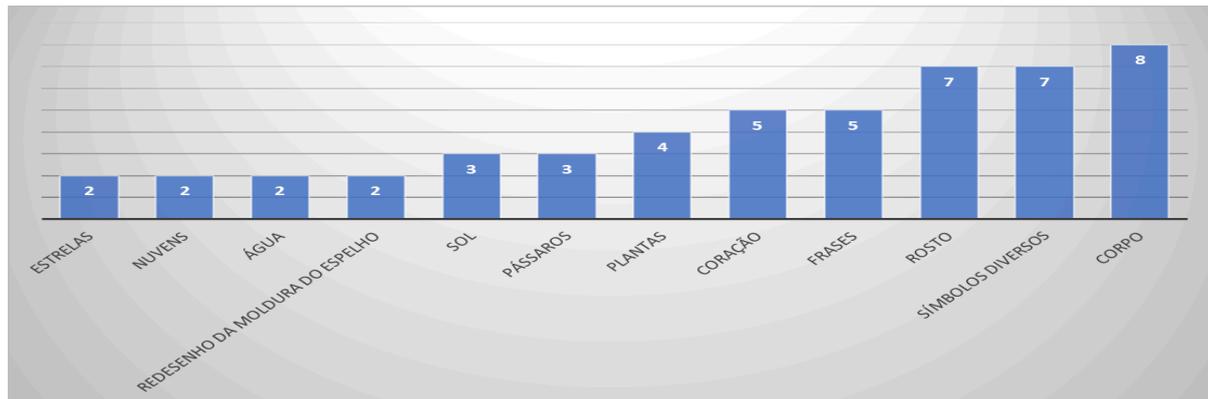


Gráfico 1: Contagem da frequência de ocorrências de elementos. O gráfico apresenta o número de ocorrências (50), por isso esse número ultrapassa o número total de desenhos (12). Crédito: das autoras.

Esses são apenas os 12 desenhos da primeira oficina docente, dos mais de cem desenhos produzidos ao longo dos três anos da prática extensionista. Esses desenhos reforçam a ideia de um retorno ao natural. Mas não ao natural naturalizado, essencializado, e sim um natural que se imbrica conosco na nossa relação com o ser mundo-e-eu-e-nós-ao-mesmo-tempo.

É neste ponto que adentramos no conceito de naturocultura como a relação indissociável do cultural com o natural. Destacamos de antemão que não pensamos nesse conceito como dualidade, mas como integração, assim como pensou e advoga a bióloga norte-americana Donna Haraway (2004, 2011).

ESTÁGIO SIMBÓLICO: DA NATUROCULTURA À CULTURA DO AMOR

Quando Aristóteles (1987), na Grécia Antiga, define tragédia como modalidade de “Poética”, ele o faz com menção a dois elementos: 1) imitação de uma ação de caráter elevado por meio da encenação teatral; e 2) essa imitação suscitaria emoções diversas e contraditórias (terror e piedade) com a finalidade de purificá-las (e purificar em grego é catarse).



ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Maio-Ago., 2024

Em outro contexto histórico, Roland Barthes (1986) nos provoca a pensar que a fotografia como forma de registro do passado não é um recordar, mas um querer possuir aquilo que se representa na imagem. Isto é, para o semiólogo francês, a fotografia captura e possui um recorte da realidade em forma de reprodução.

Ambos trazem em seus pensamentos a finalidade da arte poética. Seja na cura (catarse grega), ou na posse do objeto representado, a representação artística é sempre uma ilustração, uma redundância, uma mímeses, porém reduzida.

É nisso que queremos pensar quando lemos simbolicamente estas imagens aqui construídas por professores e professoras quando solicitados a se representarem a partir dos olhares do que se pensa ser humano gendrado. Não queremos dizer que eles e elas são e se representam assim como se mostram. Queremos, como já dissemos antes, não focar na obra em si, mas no processo reflexivo que aconteceu na construção da imagem. A análise de conteúdo, na perspectiva de Bardin (2004), também não se reconhece enquanto instrumento de leitura do "real"; antes, está na transição da "objetividade" no contato com a "subjetividade" da interpretação.

Nossa leitura desses desenhos, desta maneira, é uma possível interpretação - uma leitura dentre várias; até porque acreditamos que o processo catártico aconteceu naquele dia e com cada participante seguiu seu caminho, ou melhor, seus caminhos.

Plantas, pássaros e outros elementos da natureza

No conceito de "natureculture", ou naturocultura, Haraway (2004, 2011) enfatiza que natureza e cultura se co-constituem mutuamente. Isso significa que os fenômenos naturais são sempre culturalmente mediados, enquanto as práticas culturais estão sempre enraizadas em contextos naturais. Por exemplo, os nossos corpos são simultaneamente biológicos e culturalmente configurados. A maneira



ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Maio-Ago., 2024

como entendemos e interagimos com o meio ambiente é moldada por nossas crenças, práticas e tecnologias culturais.

Nos autorretratos aqui em análise é possível perceber essa nuance bem destacada. Em quase todos os desenhos há elementos do mundo “natural”: pássaros, nuvem, sol, água, plantas (árvores, flores, palmeiras). É como se cada desenho quisesse informar que o ser humano gendrado (homem, mulher, ou mesmo não binário) está atrelado a diversos processos sociais e culturais, mas ao mesmo tempo no seio das trocas com os elementos que denominamos naturais.

É importante destacar, todavia, que o conceito de Donna Haraway é uma tentativa de superação da dicotomia cultura/natureza que permeia as relações sociais há tempos imemoriais. Mircea Eliade (2008), por exemplo, destaca que a mulher na antiguidade era entendida como sendo mais próxima à natureza porque seguia o ciclo lunar e era capaz de gerar a vida, como a terra também a gera. Somente quando as populações humanas começam a se tornar sedentárias e o homem percebe sua contribuição na geração da prole, é que se alteram as relações de poder e de controle do corpo da mulher.

Para ficarmos somente com a Modernidade, fica marcado no processo de produção de conhecimento o Cartesianismo como forma suprema da necessidade de manutenção dessa dicotomia, porque a razão é que deveria guiar as emoções, esta “traíçoeira” que deve ser domada pela razão. Todavia, não somente com Haraway, mas também com outros pensadores tais como Baruch de Spinoza (2005), estamos na tentativa de superação dessa dicotomia, não somente na Filosofia, mas em nossas práticas cotidianas.

Corpo-rostro: presença-ausência

Um conceito caro para os estudos de gênero é a categoria “corpo”. Esta categoria, sob a perspectiva de Le Breton (2017), é uma construção social e cultural



ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Maio-Ago., 2024

que vai além de sua dimensão biológica. Ele argumenta que o corpo não é apenas uma entidade física, mas também um símbolo carregado de significados culturais, sociais e subjetivos. O corpo, segundo Le Breton, é um ponto de intersecção onde diversas práticas e discursos se encontram, configurando identidades e experiências humanas.

Vimos em nossos desenhos que nem sempre o corpo está presente. Homi Bhabha (2018) discute os conceitos de ausência e presença como parte do processo de construção de identidade e significação cultural. Ele argumenta que as culturas e identidades são sempre em parte ausentes e presentes, marcadas por lacunas e espaços de incerteza que ele chama de "entre-lugar" (in-betweenness). Esse "entre-lugar" é onde ocorre a hibridização cultural, um espaço onde novas identidades e significados emergem a partir da interação entre culturas colonizadoras e colonizadas. A ausência e a presença são, portanto, simultâneas: o que está ausente é tão significativo quanto o que está presente, e essa tensão cria novas formas de ser e de compreender o mundo.

O corpo, para além da unidade física, e sua presença, ou ausência, pode ser entendido em nossos desenhos como algo que, mesmo que ausente, ainda é presente. Isto é, mesmo nos desenhos onde o corpo só aparece em forma de rosto/cabeça, sem seus membros, ou quando o corpo não aparece de maneira alguma, o corpo está "representado". É possível ver isso na imagem 1.3 (elementos matemáticos), ou na imagem 3.1 (elementos díspares, tais como uma xícara em primeiro plano, flores sobre a mesa).

Outro elemento a se pensar aqui é a diversidade de corpos presentes: corpo palito com seus traços finos e simples, corpos delineados, corpos gordos e corpos tortos. Evidentemente que cada pessoa desenha a partir de suas possibilidades, mas em qualquer caso é possível perceber a tentativa de construir esse corpo da maneira que for possível a partir de suas próprias percepções (Pastor Carballo,



ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Maio-Ago., 2024

2004). Para Rosa Pastor Carballo (2004), existe no processo de se representar imagetivamente a impossibilidade de alcançar, assim, os elementos ideais corporais.

Frases escritas e símbolos diversos

De acordo com David Le Breton (2017), o corpo é um símbolo carregado de significados culturais e sociais. Ao desenhar um autorretrato, o indivíduo está representando sua percepção corporal e identidade. No entanto, o desenho sozinho pode não capturar todas as nuances de sua identidade, levando à necessidade de complementar a imagem com texto. Essa combinação de visual e verbal permite uma expressão mais completa e multifacetada da identidade do indivíduo.

Em nossos desenhos de autorretrato podemos perceber que somente o desenho não bastou, alguns tiveram que acrescentar o texto, seja escrito de forma linear, ou com a utilização de outros elementos da escrita que aqui denominamos de “símbolos diversos”. Utilizando o conceito de “ausência/presença” de Homi Bhabha (2018), o ato de escrever sobre si mesmo em um desenho pode ser visto como uma tentativa de preencher lacunas e resolver a tensão entre o que é visível e o que é ausente. A escrita adiciona uma camada de significado que pode não estar presente na imagem visual, permitindo uma hibridização onde múltiplos aspectos da identidade são articulados simultaneamente.

Por fim, mas não menos importante: o coração

“O coração tem morada certa / fica bem aqui no meio do peito / mas comigo a natureza ficou louca / sou todo coração”. Esse trecho do poema de Vladimir Maiakovski, poeta, filósofo e dramaturgo russo, destaca um elemento que aparece em vários desenhos: o coração. Este elemento é muito complexo e carrega diversos significados culturais ao longo do tempo e do espaço.

Para bell hooks (2021), as dimensões do amor se dão em diversas formas,



ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Maio-Ago., 2024

incluindo o amor romântico, o amor próprio, e o amor comunitário. Ela argumenta que o amor é uma força transformadora capaz de criar mudanças sociais significativas. O coração, como símbolo do amor, é central nesta discussão, representando a capacidade humana de se conectar, cuidar e transformar o mundo ao seu redor.

Ainda na superação da dicotomia razão/emoção, bell hooks nos ensina: “Fui ensinada a acreditar que a mente, não o coração, é o local da aprendizagem, muitos de nós acreditamos que falar sobre amor com intensidade emocional significa que seremos percebidos como fracos e emocionais [...]”. E em outro ponto ela finaliza: “precisamos conversar com o coração” (hooks, 2021, *passim*).

Como em Maiakovski, os desenhos de coração eram ou no peito, ou no corpo todo ou em grande escala. Foram diversos corações: alguns pequenos, tímidos, outros grandes, e até coração partido. Em alguns desenhos o coração grande continha diversos outros elementos, em outros, pequenos corações rodeavam a cabeça de uma pessoa.

A prática pedagógica amorosa e do sentimento não tem nada de fraqueza. É uma forma de ser e estar no mundo, uma tentativa de superação da dicotomia razão *versus* emoção. Apesar das injustiças sociais, a realidade deve ser tomada como um todo a ser relacionado com a prática docente comprometida, responsável e afetiva (Boruchovitch, et al., 2017).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio de um projeto de extensão na Pós-Graduação em Educação, construímos um projeto de pesquisa para tratar da superação das violências e injustiças baseadas em preconceitos de gênero. O projeto “Sala de aula itinerante” trabalhou com diversas escolas da cidade de João Pessoa; e nosso projeto atuou especificamente com formação continuada de professoras/es.



ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Maio-Ago., 2024

Foram atividades com linguagens diversas: literatura, leitura de imagens e audiovisual, e produção de desenhos/autorretratos de professores/as. O tema provocador/gerador era “problemas de gênero”. Diversas questões emergiram sobre essa problemática. Neste artigo, analisamos apenas os desenhos de autorretrato que se manifestaram na primeira oficina no ano de 2019.

O projeto continuou e seguiu florescendo, como diz o título deste artigo, por mais três anos. Esse florescimento não se deu apenas no caminhar do tempo, mas também nos próprios desenhos. Foram flores, plantas, naturezas, corações, frases, corpos presentes-ausentes.

Envolveu, como mostrado neste texto, uma diversidade de simbologias que ajudam a trabalhar a “purificação” no sentido catártico, isto é, reflexão e provocação do como pensamos e do como agimos. Esta experiência confirma a hipótese de que diversas linguagens podem ajudar a tratar temas polêmicos tanto nas escolas, quanto na formação docente.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Poética; Ética a Nicômaco**. São Paulo: Nova Cultural, 1987. (Os pensadores).

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2004.

BARTHES, Roland. **Lo obvio y lo obtuso: imágenes, gestos, voces**. Barcelona: Paidós, 1986.

BECKER, Howard; FAULKNER, Robert; KIRSHENBLATT-GIMBLETT, Barbara. **Art from start to finish: jazz, painting, writing, and other improvisations**. Chicago; London: The University of Chicago Press, 2006.

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 2018.

BORUCHOVITCH, Evely; AZZI, Roberta; SOLIGO, Ângela. (Orgs.). **Temas em psicologia**



ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Maio-Ago., 2024

educacional: contribuições para a formação de professores. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2017.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BRANDÃO, Lucas. A psicologia e as percepções da gestalt. Comunidade, Cultura e Arte. Site web. **Sociedade**, Agosto, 2019. Disponível em: <https://www.comunidadeculturaearte.com/a-psicologia-e-as-percepcoes-da-gestalt/>. Acesso em 14 nov. 2019.

CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de. Consciência de gênero na escola: problematizando a pedagogia crítica na formação docente. In: SCOCUGLIA, Afonso (Org.). **Paulo Freire na história da educação do tempo presente**. Porto: Edições Afrontamento, 2006. p. 125-137.

CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de. Gênero é um conceito complexo e de difícil sensocomunicação: considerações a partir de uma experiência de formação docente. **Instrumento: R. Est. Pesq. Educ**, Juiz de Fora, v. 12, n. 2, jul./dez/, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/revistainstrumento/article/view/18685>. Acesso em 29 jun. 2024.

CORRÊA, Sonia; PARKER, Richard (orgs.). **Sexualidade e política na América Latina: histórias, intersecções e paradoxos**. Rio de Janeiro: ABIA, 2011.

ELIADE, Mircea. A terra, a mulher e a fecundidade. In: _____. **Tratado de história das religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 2008. P. 193-213.

FLEURI, Reinaldo. Conversidade: conhecimento construído na relação entre educação popular e universidade. **Educação Brasileira**, v. 27, n. 54, p. 11-67, 2005. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/184886>. Acesso em 10 ago. 2023.

HARAWAY, Donna. Companhias multiespécies nas naturezaculturas: uma conversa entre Donna Haraway e Sandra Azerêdo. In: MACIEL, Esther (Org.). **Pensar/escrever o animal: ensaios de zoopoética e biopolítica**. Florianópolis: EDUFSC, 2011. p. 389-417.

HARAWAY, Donna. **The Haraway reader**. Nova York; Londres: Routledge, 2004.

HOOKS, Bell. **Tudo sobre o amor**. [S.l]: Elefante, 2021.

LE BRETON, David. **Sensing the world: an anthropology of senses**. Nova York; Londres: Routledge, 2017.

LOIZOS, Peter. Vídeo, filme e fotografias como documentos de pesquisa. In: BAUER, Martin; GASKELL, George (Orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um**



ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Maio-Ago., 2024

manual prático. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 136-155.

MAIA, Marcos Felipe Gonçalves. **A produção de conhecimento em gênero e sexualidade no ensino de Biologia no Brasil: uma revisão sistemática (1996-2022)**. 2023. 165 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal da Paraíba, Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2023

MARTINS, Daniel; MESQUITA, Ruan. Sala de aula itinerante e o diálogo entre universidade e comunidade: uma ação na EEFM de Forte Velho em Santa Rita. **REPI – Revista Educação, Pesquisa e Inclusão**, Boa Vista, v. 1, 2020. Disponível em: <https://revista.ufr.br/repi/article/view/e202021>. Acesso em 28 jun. 2024.

NAVES, Emilse. Fazer-saber: reflexões sobre a função acadêmica da extensão universitária. **Em Extensão**, v. 14, n. 1, p. 9-29, jan./jun. 2015. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/revextensao/article/view/28113>. Acesso em 29 jun. 2024.

PASTOR CARBALLO, Rosa. Cuerpo y género: representación e imagen corporal. In: HEREDIA, Esther et al. (Org.) **Psicología y género**. Madrid: Pearson, 2004. P. 217-240.

PAULA, João. A extensão universitária: história, conceito e propostas. **Interfaces, Revista de Extensão**, v. 1, n. 1, p. 05-23, jul./nov. 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistainterfaces/article/view/18930>. Acesso em 29 jun. 2024.

PENN, Gemma. Análise semiótica de imagens paradas. In: BAUER, Martin; GASKELL, George (Orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 319-342.

RIBEIRO, Fernanda; CRUZ, Fátima. Representações sociais de família por crianças na cidade de Recife. **Psicologia e Sociedade**, v. 25, n. 3, p. 612-622, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/GTngYHvpP77jZXcGHsBdNkt/abstract/?lang=pt>. Acesso em 29 jun. 2024.

SAMAIN, Etienne. “Ver” e “dizer” na tradição etnográfica: Bronislaw Malinowski e a fotografia. **Horizontes antropológicos**, v. 1, n. 2, p.23-60, 1995.

SAUNDERS, Tanya. **Modernidade negra: hip hop, ativismo e mudança social em havana**. Ilhéus, BA: Editus, 2021.

SAUNDERS, Tanya. **Cuban underground hip hop: black thoughts, black revolution, black modernity, latin american and caribbean arts and culture...** Austin: Texas University Press, 2015.



ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Maio-Ago., 2024

SCHWARCZ, Lilia. **Sobre o autoritarismo brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SCHWEIG, Grazielle; SENA, Caio; RIGHI, Isabela. Experimentações com desenho na formação de professores: reflexões a partir do ensino de sociologia. **Eccos**, São Paulo, n. 53, p.1-17, abr./jun., 2020.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez., 1995. Tradução de Guacira Lopes Louro.

SCOTT, Joan. Gender: still a useful category of analysis? **Diogenes**, n. 225, p. 7-14, 2010.

SPINOSA, Baruch. **Pensamentos metafísicos; tratado da correção do intelecto; ética; tratado político; correspondência**. São Paulo: Nova Cultural, 2005.

TOBIN, Kenneth. A sociocultural approach to science education. **Magis**, v. 6, n. 12, ed. Esp., p. 19-35. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/2810/281029756002.pdf>. Acesso em 29 jun. 2024.